

Quando o corpo estranho é o professor: notas sobre a docência transmasculina

Caio Maliszewski Escouto¹

Resumo: A presença de professores e professoras trans e travestis atuando nas escolas brasileiras vem crescendo nas últimas décadas. Assim, este ensaio busca refletir sobre a minha experiência como professor e homem trans, ao fazer a transição de gênero, atuando na rede particular de ensino de Porto Alegre/RS. Para isso, compartilho a minha vivência para poder pensar sobre a relação do corpo trans com o espaço escolar e seus demais sujeitos, como colegas professores e alunes. Também aponto os tensionamentos e fissuras que a docência transmasculina provoca na instituição escolar.

Palavras-chave: Homem trans; docência transmasculina; espaço escolar; transgeneridade.

¹ Professor da rede privada de ensino no município de Porto Alegre/RS. Licenciado, Mestre e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: caioescouto@gmail.com

O título deste texto é provocativo propositalmente e faz referência ao trabalho da professora Guacira Lopes Louro (2004), que possui um livro intitulado de “Um corpo estranho”, uma vez que penso a minha presença como professor trans, atuando em duas escolas confessionais da rede privada de ensino de Porto Alegre/RS, como um legítimo corpo estranho no espaço escolar. Afinal, quantos professores e professoras trans vemos atuando na educação básica? E quantos se encontram em escolas privadas?

Para que se possa ter uma compreensão dos tensionamentos que a docência transmasculina provoca no espaço escolar, primeiro é preciso compartilhar com quem me lê o que vivenciei ao longo dos últimos dois anos.

O ano de 2021 foi um ano bastante intenso na minha vida. Foi o ano em que me aceitei como homem trans e decidi iniciar o meu processo de transição de gênero. Enquanto ponderava se iniciaria ou não esse processo, analisando os impactos que esse movimento provocaria na minha vida, a preocupação em relação ao meu futuro profissional foi constante. Afinal, seria possível um professor trans, em início de transição, continuar atuando em dois colégios confessionais da rede privada de ensino de Porto Alegre? Como os colégios lidariam com a informação sobre a minha transição? Por questões éticas, não citarei o nome das escolas, nem os nomes das pessoas envolvidas nas vivências que compartilho aqui.

Esse momento inicial da minha transição foi muito marcado pela preocupação em relação ao meu futuro como professor. Para tentar amenizar essa aflição, busquei encontrar outros professores e professoras trans e travestis que tivessem transicionado enquanto atuavam na função de docentes. Ao encontrar esses sujeitos, e conhecer um pouco sobre as suas trajetórias relacionadas a sua afirmação de gênero e prática docente, começo a refletir sobre a relação do corpo-trans-docente com o espaço escolar. Ou como a professora Guacira Louro já abordou, quando o corpo estranho invade a sala de aula, só que nessa ocasião, o corpo estranho é o professor.

Quando decidi iniciar a transição, ser professor e ser trans me soavam como coisas impossíveis. Visto que a escola, ainda permanece como um espaço que visa manter e zelar pela cisheteronormatividade, fazendo com que as dissidências de gênero e sexualidade não sejam bem-vindas ao espaço escolar. Por isso, senti que ao assumir minha identidade como homem trans, estaria desafiando as normas desta instituição, arriscando a minha permanência neste espaço. E uma vez que a minha permanência foi mantida, pude notar os tensionamentos e desafios que um corpo trans na função docente provoca.

Um professor em transição

O início da minha transição foi bastante marcado pela preocupação com relação ao meu futuro profissional. Isso me levou a uma busca por referências direcionados à docência trans, ou seja, a vivência de professores e professoras travestis e transexuais no espaço escolar. Como eu pensava ser impossível ser trans e ser professor, pois as narrativas de vida sobre pessoas trans, geralmente retratam apenas as violências que nossos corpos sofrem, fazendo com que as vivências trans fiquem confinadas apenas a aquilo que é ruim, violento, impossível. Então, na tentativa de amenizar minha ansiedade diante das incertezas trazidas pela transição, busquei encontrar narrativas que me mostrassem que seguir na carreira docente como homem trans poderia ser possível. Assim, procurando por trabalhos que tratassem sobre a experiência de corpos trans no espaço escolar, encontrei produções que trazem, em sua maioria, uma abordagem desses sujeitos enquanto estudantes, como por exemplo, os estudos de Silva, Waldez e Queiros (2015), Franco e Cicilin (2015) e Nery e Gaspodin (2015) que retratam o quanto a permanência de pessoas trans na escola é marcada por diversas violências sofridas por colegas, professores e pela própria instituição escolar. Desrespeito ao nome social, a polêmica envolvendo qual banheiro a pessoa deve usar,

são apenas algumas das dificuldades frequentes na vivência do espaço escolar por estudantes trans.

Mas tratando-se da vivência do espaço escolar por professores e professoras trans e travestis, as referências ainda são tímidas. Principalmente se for levado em consideração quem produziu esses trabalhos, uma vez que a maioria foi escrita por pessoas cisgêneras, fazendo com que haja uma escassez na produção intelectual brasileira a respeito da docência trans. Ainda mais quando se trata de pessoas trans produzindo pesquisas sobre suas próprias vivências enquanto docentes. É claro que essa carência reflete muito sobre a problemática envolvendo a população trans e a escolaridade, já que a expulsão de corpos trans do espaço escolar ainda é uma triste realidade, fazendo com que, a entrada na universidade seja uma exceção para a população trans.

Ademais, a maioria das pesquisas sobre identidade docente, sobre ser professor, sobre a vivência do espaço escolar, a relação professor-aluno foram produzidas por pessoas cisgêneras. Mesmo estas não situando-se em seus trabalhos como sujeitos dentro das normativas de gênero, afinal, as pessoas cis muitas vezes nem sabem da existência desta nomenclatura, já que, como estão dentro do padrão, não sentem a necessidade de terem suas existências nomeadas, como nós, pessoas transgêneras, fora dos padrões binários de gênero. Portanto, ainda que não situadas dessa maneira, grande parte das pesquisas e narrativas que temos sobre o exercício da docência, a relação que se dá entre o corpo e o espaço escolar, a relação entre professor e alunes, ainda são majoritariamente produzidas a partir do olhar da e da experiência cisgeneridade.

Diante desse contexto, eu, um professor trans, em início de transição e atuante em sala de aula, senti necessidade de encontrar referências de outros professores trans. Pessoas que tivessem passado por situação semelhante à minha de transicionar enquanto atuavam em sala de aula, que estavam reconstruindo a sua identidade docente, agora

como sujeito transgênero, e, portanto, que estivessem vivenciando o espaço escolar através de uma corporalidade dissidente em transformação.

Eu inicio minha transição aos 28 anos. E várias vezes questionei-me por que não a iniciei antes, por que tive que esperar tantos anos para aceitar quem eu sou e decidir quem eu quero ser. Hoje compreendo que a cisheteronormatividade é um peso muito grande que me aprisionou por muito tempo. Então tive que esperar ser adulto, ter uma certa estabilidade financeira, para só então poder ser quem eu sempre quis ser. Começo por um processo de autoaceitação, me compreender como homem trans. É nesse momento também, que começo um movimento de construção da minha nova identidade, e de ressignificação das minhas vivências até esse ponto da minha vida.

Este é um processo de descoberta de si mesmo em que também surgem muitas questões como: Quero comunicar amigos e familiares sobre a minha transgeneridade? Quero mudar meu nome? Desejo iniciar a hormonização a fim de que meu corpo tenha alterações? Almejo algum procedimento cirúrgico? Todas essas questões foram somadas à grande e constante aflição com o meu futuro como professor na rede privada de ensino.

Optei por começar contando a amigos próximos sobre ser trans. Em seguida, foi a vez de comunicar meus pais. Decidi também que queria mudar meu nome para um nome masculino. Foram algumas semanas pensando em qual nome combinava comigo. Decidido o nome, o que fazer? Resolvi fazer a carteira de nome social. Em seguida, fui atrás de retificar nome e gênero no meu registro civil e em todos os outros documentos. Fiz isso porque, para mim, não fazia sentido continuar com meu nome morto e por não querer passar por nenhum tipo de constrangimento toda vez que tivesse que apresentar meus documentos. Enquanto isso, também procurei o ambulatório destinado às pessoas trans em Porto Alegre/RS. Queria começar a hormonização com testosterona. Por vezes, a ansiedade pelas mudanças e o medo em relação a como as escolas lidariam com a minha transgeneridade, me faziam ter vontade de sumir, e só reaparecer depois que

alcançasse a passabilidade. Mas não tenho condições financeiras para isso. O jeito era encarar tudo de frente e viver esse processo de mudanças tanto externas, quanto internas. Para isso, procurei auxílio do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (Sinpro/RS), onde fui orientado a não contar sobre a minha transição e esperar o ano letivo de 2021 terminar e junto com ele o período de demissões nas escolas. Se eu não fosse demitido, deveria comunicar sobre ser um homem trans apenas no início do próximo ano letivo de 2022. E foi isso que eu fiz.

Entretanto, esperar os meses que faltavam para o ano letivo terminar não foi fácil. Além da constante preocupação com o meu futuro nas escolas, tive que viver uma espécie de vida dupla. Ao mesmo tempo em que estava construindo minha identidade como homem trans, me acostumando a referir-me a mim no masculino e me adaptando ao novo nome que tinha escolhido, nas escolas eu ainda era a professora, e, portanto, continuava a ser chamado pelo meu nome morto. Esse período foi difícil, pois tudo o que eu queria era me livrar logo da identidade feminina e me afirmar de vez como homem. Mas tive que ser paciente e esperar o ano letivo se encerrar.

O corpo estranho sai do armário e adentra a sala de aula

Nesta sessão quero compartilhar como foi contar para os meus coordenadores das duas escolas em que trabalho, para os meus colegas professores e para meus alunos que sou um homem trans. E a partir disso, refletir um pouco sobre como que foi se dando a minha relação no espaço da sala de aula com estudantes. Já sobre a relação com os outros espaços das escolas, abordarei na próxima sessão.

O fim do ano letivo chegou, vieram as férias, e a minha aflição continuava. Não havia o que fazer senão seguir o conselho do sindicato e esperar o início do ano letivo de 2022 para então dar o comunicado aos meus coordenadores nas duas escolas.

Conforme o início da jornada pedagógica se aproximava, isto é, a semana de planejamento e reflexão sobre a prática docente que antecede o início das aulas, enviei uma mensagem para meus coordenadores de cada escola dizendo que precisava conversar antes do início das atividades. Consegui agendar essa conversa com meus superiores nas duas escolas para o mesmo dia. A tensão e o nervosismo tomaram conta de mim. Toda a angústia e medo em relação a posição das escolas diante da minha transição estavam acumuladas a meses. E era chegada o momento de pôr fim a esse ciclo e iniciar um novo que dependeria da reação das duas instituições em relação a ter um professor trans. As possíveis reações das escolas, tanto se fosse positiva ou negativa (em caso de demissão) já haviam sido discutidas com o Sinpro/RS, de forma que eu teria suporte para qualquer que fosse a atitude dos colégios.

Felizmente a reação dos dois colégios em que trabalho foi positiva. Em ambos tive a afirmação de que isso não seria motivo para que eu fosse demitido. E de que eu continuaria a fazer parte do quadro de professores. Passado essa angustiante etapa, a questão da vez era: como meus alunos, alunos e alunas reagiriam diante a minha transição de gênero? Como lidariam com o fato de terem um professor trans?

A minha preocupação era maior com alunos que eu havia sido professora no ano anterior, já que haviam me conhecido e convivido comigo como professora. No primeiro dia de aula com cada turma, eu me apresentei como professor, informei meu nome e contei sobre a minha transição. A reação dos alunos foi afetuosa. Não houve expressões horrorizadas por ter um professor trans. Apenas alguns burburinhos entre eles. Ao contrário do que eu imaginava, fui muito bem acolhido pelos estudantes. Alguns ainda fizeram questão de falar que continuariam gostando de mim da mesma forma, que nada mudaria em relação ao afeto que sentiam por mim.

Mas as coisas não continuaram como eram antes. Ao longo do ano, fui sentindo e percebendo que a minha relação professor-alunos foi sendo alterada. A ponto

de eu poder afirmar que a experiência de transicionar de gênero diante de meus estudantes é uma experiência única.

Ao analisar a experiência de professoras travestis e transexuais na educação básica, Fernando Seffner e Marina Reidel (2015, p. 446) me fazem refletir que

a ação pedagógica destas professoras, independente da disciplina que lecionam, parece instaurar na sala de aula processos e saberes docentes que deslocam a tradicional figura da professora enquanto mãe, tia ou irmã mais velha, e introduzem de modo decidido outra modalidade de relação em que o corpo da professora passa a desempenhar um papel importante, marcado em especial pelos atributos de gênero e sexualidade, mas numa equação em que entram em jogo também os marcadores de geração, raça e pertencimento religioso.

E continuam ao apontar que,

A ação destas professoras parece colocar em xeque uma verdade pouco enunciada, mas claramente perceptível nas escolas, de que a professora ideal é um ser sem corpo, sem sexo e capturada no gênero feminino numa dimensão quase colada à função materna. A boa professora, ao fim e ao cabo, até hoje continua sendo, no imaginário educacional, a boa mãe, a boa esposa, a mulher recatada, eventualmente a mulher solteira que se faz de mãe para seus alunos, mais propriamente de tia ou de irmã mais velha. Todos estes pressupostos caem por terra quando classes de alunos (e escolas e sistemas de ensino) se veem às voltas com professoras assumidamente travestis e transexuais, em boa parte por conta de serem identidades fortemente construídas na relação com corpo e sexualidade.

Dadas as devidas diferenças entre o que os autores apontam sobre a presença das professoras trans e travestias e a minha própria vivência como professor homem trans, penso que antes da minha transição, enquanto era visto como professora, de certa maneira me encaixava na descrição citada. Talvez aos olhos de meus alunos eu era um ser sem gênero. E meu corpo não fosse se quer considerado. Mas ao transicionar, ao compartilhar com eles e elas meu processo de construção enquanto um homem trans, certamente fez com que olhassem para mim já não mais como um ser sem corpo.

O corpo do professor trans acaba despertando curiosidade. Alguns vezes notei estudantes olhando para a região do meu genital com a cara de quem pensa “o que será que ele tem entre as pernas?”. No decorrer do ano letivo, à medida que os efeitos do uso de testosterona iam se fazendo mais perceptíveis, eles e elas comentavam as minhas mudanças. “Nossa sor, como tua voz tá mais grossa.” “Ei, sor, tua barba tá maneira.” “Bah sor, tu tá perdendo a bunda.” Comentários como estes foram comuns na minha prática docente ao longo do ano letivo fazendo com que eu refletisse sobre o quanto meus alunos, alunes e alunas estavam transicionando junto comigo. Pois no lugar da professora de antes, entra em cena um corpo estranho como professor que vai aos poucos vivendo uma metamorfose provocada pelo uso de hormônios bem diante de seus olhos.

E as relações que são marcadas pelo afeto e confiança foram sendo modificadas também, a ponto de um estudante, numa das primeiras semanas de aula, levantar-se de sua classe, se dirigir até mim e falar "professor, eu também sou trans." Quando ouvi essa frase, por um instante eu congelei. Fiquei pensando que se esse menino chegar em casa e disser para sua família que é trans assim como o professor, isso faria com que a família fosse até a escola alegar que eu estaria influenciando-o. É claro que eu não acredito que alguém possa influenciar outra pessoa a ser trans, mas diante do momento obscuro de ideologias como “Escola sem partido” e a própria ideia deturpada de uma “ideologia de gênero” em que o Brasil passava (não totalmente superada ainda), as acusações sobre mim poderiam recair com muita violência. Mas esse pesadelo não se concretizou. O que aconteceu foi uma proximidade e um sentimento de confiança que alunos, alunas e alunes dissidentes de gênero e sexualidades foram tendo para comigo. Senti isso ao ver cada um e cada uma vir até mim e me falar sobre suas dúvidas, seus medos, sua preocupação com a reação que seus familiares iriam ter ao saber que se compreendiam como meninos trans, não binários,

lésbicas, bissexuais, gays. Senti-me honrado por ser digno de confiarem a mim suas verdadeiras identidades.

No decorrer do ano letivo, conforme cenas como mencionei iam se repetindo, dei-me por conta do quanto a minha presença naquele espaço, na sala de aula, como um professor trans em início de transição era significativa, principalmente para estudantes LGBTQIA+. O próprio fato de a minha transição ter sido compartilhada, fez com que de alguma forma, sentissem também parte desse processo. Também senti, de certo modo, que ao me verem na posição de professor, iam se sentindo representades, e talvez mais do que isso, sentiam-se não mais como seres errados, anormais. Afinal, se o professor é trans, por que vou me importar se minha identidade de gênero e sexualidade não segue o padrão nesse espaço tão cisheteronormativo como é a escola?

Compreendo esse processo de num primeiro momento esconder a minha transgeneridade dos colégios em que leciono e em seguida notificar-lhes a respeito da minha identidade como homem trans como uma forma de saída do armário. Pensando sobre o que Eve Sedgwick (2007, p. 22) aponta,

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.

De uma maneira ou de outra, nós dissidentes de gênero e sexualidade, estamos e precisamos constantemente saindo do armário. Para cada pessoa que falamos sobre a nossa identidade de gênero ou preferência sexual, é um ato de sair do armário. Neste texto a autora dá um enfoque maior para a homossexualidade, mas acredito que o seguinte trecho (SEDGWICK, 2007, p.22) vale ser destacado para enfatizar o sentimento que essa minha saída do armário significou.

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da

parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante.

Refletindo sobre o trecho acima, penso também como se dará a minha relação em início de ano letivo com os novos colegas professores e com as novas turmas que vou assumir daqui para a frente. No início do ano letivo de 2022 eu não tinha muitas opções. Ou continuava vivendo uma vida dupla ou assumia minha real identidade. Mas em relação aos anos letivos que virão, como devo proceder? Fico pensando se devo ou não lhes comunicar sobre a minha transgeneridade. Se devo incluir na minha apresentação inicial que sou um homem trans. Se compartilhar essa informação com novos colegas e alunes é de fato necessária.

Uma das questões que eu fico refletindo é que com o passar do tempo e dando continuidade ao uso da testosterona, eu vou adquirindo uma passabilidade cada vez maior. Nas palavras de Leticia Lanz (2014, p. 129)

Trata-se de uma equação simples em que — “passar” é igual a ser reconhecida e aceita pela sociedade. Quanto mais “passável”, mais habilitada ao convívio dentro do mundo “normal” cisgênero-heteronormativo e menos a chance de ser estigmatizada e violentada como “desviante” de gênero. “Passar” teria, assim, também uma função protetora, na medida em que as pessoas transgêneras que não passam convincentemente ficam teoricamente muito mais expostas à violência real e simbólica da população cisgênera.

Por isso tenho me questionado se vou querer ou não que as pessoas no espaço escolar saibam que sou um homem trans. Isso é o que a epistemologia do armário (SEDGWICK, 2007) diz, eu vou sair incontáveis vezes do armário ao longo da vida. Por vezes, por motivos de segurança, de não querer sofrer algum tipo de transfobia, permanecer no armário é uma boa estratégia, de forma que não dá para apontar o armário como algo de todo negativo. Em vários momentos ele pode ser usado como

estratégia de resistência para permanecermos em espaços tão cisnormativos como é o escolar. Como enfatizam Braz, Vieira e Bussoletti (2013, p. 31)

Compreendemos que as táticas de visibilidade e invisibilidade que os sujeitos utilizam no seu cotidiano no ambiente escolar são negociações com a norma, fazem parte de mecanismos de resistência ao discurso heteronormativo. Sua competência profissional lhes dá o aval para atuarem como profissionais naquele ambiente, mas não garante sua viabilidade.

Ter o marcador da transgeneridade explícito no corpo acaba fazendo com que o alvo esteja sempre em nossa testa. Com isso, não quero dizer que pretendo esconder de professores e alunos que sou um homem trans. Até porque, escondendo minha identidade, daria munição para quem quiser me atacar de alguma forma. De modo que meu questionamento não é se devo ocultar essa informação sobre mim das pessoas com quem trabalho, mas sim se é necessário que a cada turma nova, cada novo colega de trabalho eu deva incluir na minha apresentação que sou trans.

Até porque, as pessoas cisgêneras não precisam em suas apresentações informar que são cis. Assim como ninguém pergunta para as pessoas cis porque elas são assim e desde quando descobriram que estão dentro do que se entende como o “normal”. Já nós trans, somos constantemente questionados sobre como sabemos que somos trans, se somos assim desde crianças, porque só agora iniciamos a transição. Isso mostra o quanto a lógica natural (normal) versus sintético/construído (anormal) imperam no senso comum. Por mais que se trate de pessoas com certo grau de instrução, neste caso falo especificamente dos meus colegas professores, a noção de que gênero é uma construção social que varia de acordo com os contextos espaciais e temporais são questões impensadas e muito pouco concebidas. As pessoas de modo geral, ainda tomam o gênero, ou melhor, a cisgeneridade como algo dado pela natureza, sem influência alguma além do que chamam de sexo biológico, isto é, homens tem pênis e mulheres tem vagina. Fora disso, encontram-se os sujeitos como eu, anormais.

Após a minha saída do armário, posso afirmar que tive um ano letivo em que o sentimento de leveza foi significativo para mim. Antes de me compreender como homem trans, eu me identificava como lésbica. Essa identidade, ainda que tenha sido involuntária, uma vez que, como eu era lido como mulher e sinto atração por mulheres, fui colocado nessa identidade, sem nunca ter conseguido me sentir confortável nela. E hoje consigo entender o quanto me sentia preocupado que as pessoas no espaço escolar principalmente, isto é, colegas professores e alunos, soubessem disso. Já como homem trans, assumido, não sinto mais medo de que descubram algo que eu insistia em esconder. Deve ser por isso que hoje, ao assumir a minha identidade como homem trans, consigo me sentir mais tranquilo e a vontade nos meus locais de trabalho e por consequência na minha prática docente. O que me leva a pensar que, por mais que o armário seja uma estratégia de resistência e de segurança muitas vezes, estar no armário acaba gerando uma ansiedade, pois temos medo de que alguém descubra aquilo que se quer esconder.

E a instituição escolar como fica?

Nesta sessão quero dar ênfase sobre a minha relação com os demais espaços e sujeitos escolares além da sala de aula neste ano de transição e atuação como professor trans. Como já havia mencionado, a reação dos colégios em que trabalho a notícia da minha transgeneridade foi semelhantemente tranquila. Entretanto, na prática, os processos de “lidar com um professor trans” foram bastante diferenciados comparando as duas escolas.

Para isso, foi importante perceber que a minha presença no espaço escolar ia aos poucos tencionando suas lógicas consagradas pela cisheteronormatividade. Dessa maneira, busquei refletir sobre esses movimentos provocados na instituição escolar. Para Lopes e Zibetti (2018, p. 3) “a presença de pessoas trans nos espaços educativos,

principalmente na função docente, desestabiliza práticas curriculares heteronormativas e suas expressões podem ser características de resistência na educação.”

A própria história da educação no Brasil deixa evidente o quanto há um padrão de sujeito tido como o ideal, mascarado por uma suposta neutralidade, que a escola, enquanto instituição, deve investir para que esses corpos se mantenham fiéis aos padrões estabelecidos de gênero, raça, sexualidade e credo. Dito de outra forma, é tarefa da escola vigiar e manter todos, todas e todes dentro dos moldes sociais que almejam um sujeito cisgênero, heterossexual, branco, cristão, conforme reforça Guacira Louro (1997, p. 58),

A escola delimita espaço. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos

Portanto, a presença de professores e professoras trans nas escolas, causa fissuras nos padrões que sustentam as hierarquias de gênero. Ao estar em um espaço tão formativo, ou melhor, cishetornormativo, nossos corpos desviantes seguem desafiando a cishetormativa. Num espaço que sempre nos expulsou, que sempre fez com que não nos sentíssemos pertencentes a ele, meu corpo trans desafia a lógica cisgênera ao exercer a docência.

Também a respeito de papel cisheteroformador da instituição escolar, Braz, Vieira e Bussoletti (2013, p. 26) apontam que

A escola educa, sobretudo, para e através da heteronormatividade. Há, em geral, um silenciamento no discurso oficial em relação às sexualidades não normativas. Aqueles que não se adequam à norma aprendem a dissimulação como forma de sobrevivência, tentam tornar invisível um dos aspectos mais caros à existência, silenciam ou negam seu desejo. Mas, de forma mais ou menos evidente, as marcas das sexualidades estão impressas em seus corpos,

e produzem, frequentemente, atitudes homofóbicas por parte de alunos, professores, servidores e equipe diretiva.

Os autores no trecho citado focam na questão da sexualidade, mas pode-se pensar também sobre o quanto os papéis binários cisnormativos de gênero fazem parte do discurso escolar. Há um peso tão grande em manter os padrões que para conseguir sobreviver ao espaço escolar, as dissidências tanto de gênero quanto de sexualidade precisam camuflar-se, tornarem-se menos visíveis para que a sua permanência na escola seja mais suportável, de modo que

Contemporaneamente, as representações de professores e professoras trazem referências não tão rígidas quanto a sua relação com os alunos, mas, em relação às sexualidades, há a tendência ao apagamento de alguns traços, especialmente, se estes denotarem sexualidades não normativas. A moral do professor está arraigada a sua sexualidade e a representação tradicional do docente aponta para um profissional heterossexual, como se uma sexualidade *desviante* fosse indício ou sinônimo de perversão¹¹ e implicasse desrespeito a padrões de ética profissional. (BRAZ; VIEIRA; BUSSOLETTI, 2013, p. 29)

Novamente podemos substituir sexualidade por gênero no trecho citado para poder tensionar e refletir sobre o que a presença de um professor trans no espaço escolar pode provocar em termos de fissuras que colocam em xeque a cisnormatividade característica dessa instituição. O professor é visto como adulto de referência, como sugere Fernando Seffner (2016, p. 53)

O professor não apenas ensina uma matéria, ele é o sujeito que organiza a sala de aula e as atividades com os alunos. Ao fazer isso, é preciso ter em mente que se está lidando com projetos privados, a realização de cada aluno, mas que isso está imerso no espaço público, que tem regras de convívio entre as diferenças e busca o tratamento igual entre os indivíduos. Essa é uma tarefa da sala de aula, ensinar ou debater as conexões entre a construção da trajetória individual, dar andamento aos sonhos e desejos de cada aluno e, ao mesmo tempo, criar um ambiente de solidariedade, de preocupação com o coletivo, com regras, com democracia, com a preocupação em não produzir a injustiça, em impedir a violência escolar, em respeitar e se alegrar com a diversidade, não estreitar a possibilidade de realização da experiência do outro (...).

Portanto, diante da importância de seu papel a ser desempenhado na escola, é desejável que os professores e professoras estejam dentro dos padrões esperados para alguém que se relacionará cotidianamente com crianças e adolescentes, servindo também como modelo. Pois a função docente é muito além dos conteúdos curriculares, envolve a relação com diferentes pessoas num constante processo de formação para a cidadania em que o professor é uma das figuras centrais. Logo, ao exercer a docência, tenciono tanto o modelo de referência cis quanto as normas da instituição escolar que tem entre suas funções a de produzir sujeitos cisgêneros de acordo com os padrões espaço temporais definidos pela sociedade a qual estamos inseridos.

Ao estar atuando em sala de aula, a minha presença abre o leque de possibilidade entre os padrões enrijecidos de gênero. Pois além de homens e mulheres cisgêneros, um homem trans como professor pode mostrar que há outras formas de existência possíveis. De algum modo, sinto que a minha existência no espaço escolar permite se imaginar o impossível, para que as narrativas sobre a transgeneridade não sejam apenas as que focam nas violências sofridas pelos corpos trans. Mas que ao exercer a docência sendo um homem trans eu consiga escapar daquilo que o senso comum espera da vivência de pessoas trans e produzir uma narrativa que também fale das alegrias, para que o discurso não seja apenas sobre as resistências, porque ser resistência o tempo todo é exaustivo demais. Que nós possamos ser existência também.

Inclusive é importante sinalizar o quanto as vivências transmasculinas são extremamente invisibilizadas. De modo geral, há um gritante apagamento das transmasculinidades no Brasil dentro do próprio movimento trans. Isso faz com que, embora hoje já se tenha alguns trabalhos a respeito da constituição identitária de professoras trans, há um vazio quando se fala da construção da identidade docente de professores transmasculinos. Há um grande silêncio sobre como homens trans e transmasculinos vivenciam à docência, sobre a relação de seus corpos com o espaço

escolar e com os sujeitos que compõem esse espaço, suas dores e alegrias ao estar em sala de aula e sobre seus processos de inserção e permanência na carreira docente, seja na rede de educação pública ou privada.

A minha presença no espaço escolar não é uma simples presença. Assim como eu não sou apenas um professor. Os outros professores (cis) são apenas professores, uma vez que seus corpos são sequer pensados pelos estudantes. Já eu, sou o professor trans. Mesmo que eu não fale sobre a minha identidade de gênero, o marcador da transgeneridade ainda está explícito em mim. De modo que, a presença de um professor trans na escola provoca a reflexão sobre quais espaços corpos trans podem ou não ocupar. E, de certa forma, minha presença nestes espaços provoca a desconstrução de algumas ideias pré-concebidas a respeito das pessoas trans, cujas vivências são relegadas apenas para as margens da sociedade.

A diversidade sempre esteve presente no espaço escolar, aliás, ele é formado por ela. Ainda que sofrendo com as investidas violentas para que se adequem à cisheteronormatividade, nós nos fazemos resistência como aquela plantinha que insiste em crescer em meio ao concreto. Dessa maneira, nós, dissidentes de gênero e sexualidade, vivenciamos o espaço escolar ocupando a posição de resistência. Pois é preciso resistir a pedagogia da cisheteronormatividade que tenta nos colocar nos moldes do binarismo de gênero, e violenta nossos corpos, causando a expulsão destes do sistema educacional formal, acarretando a grande problemática que envolve a população trans e a escolaridade.

Ao longo do ano letivo de 2022, fui percebendo os desafios que a instituição escolar enfrenta ao ter que lidar com um professor trans. Enquanto em uma das escolas em que trabalho, questões como a troca do meu nome no crachá, no acesso ao portal da escola, nome no armário foi agilizada de forma imediata ao meu comunicado, na outra o processo foi bem mais lento.

Tive que diversas vezes refazer o pedido para que meu nome fosse alterado nas coisas básicas como crachá, e-mail institucional, documentos escolares. E não raro era surpreendido quando recebia algum documento para assinar, como atas de reunião e conselho de classe, em que constava meu nome morto. Assim como também, passei diversas vezes pela situação desconfortável de meus colegas professores e a própria coordenação me chamar pelo meu nome morto em frente aos alunos. Coisas como essas aconteceram de maneira frequente apenas em uma das instituições em que trabalho. De modo que enquanto uma instituição foi extremamente sensível em respeitar meu nome e minha identidade, tomando cuidado para não cometer os erros que aconteceram na outra instituição, tais quais descrevi.

A frequência com que as situações que descrevi aconteceram, fizeram com que eu me sentisse constrangido diante de alunos repetidas vezes. Além disso, ao verem meus colegas professores e a coordenação me tratando no feminino, notei que isso autorizou alguns alunos, que não tinham me conhecido no ano anterior ainda como professora, a me tratarem no feminino. O que acabou sendo desgastante por ter que ficar repetidas vezes corrigindo tanto alunos, quanto professores, fazendo com que eu não me sentisse confortável no meu ambiente de trabalho em uma das escolas que atuo.

Apesar do desconforto, insisti em continuar corrigindo aqueles que se referiam a mim no feminino ou que me tratassem pelo nome morto. Não me calei diante dessas situações, em que algumas vezes quando corrigia, a pessoa ainda fazia questão de se defender dizendo que eu tinha que ter paciência, pois ainda estavam se acostumando com meu nome e com minha identidade masculina. Algo que fez com que, conforme os meses iam passando, eu alegava que já era mais hora de continuarem errado. Já que uma coisa era no início do ano terem que se acostumar, outra era no final do ano letivo ainda insistirem em me tratar no feminino. Assim, tive que me manter resiliente diante da insensibilidade, principalmente de colegas professores ao longo do ano.

Esses ocorridos me levaram a refletir sobre o quanto à docência ainda é um terreno despreparado para lidar com a diversidade, seja ela qual for. Por estarem dentro dos padrões de gênero, sexualidade, raça, meus colegas professores sentem-se autorizados a continuarem não enxergando quem não se encontra nos padrões a que pertencem e não buscar saber sobre as diferenças e como respeitá-las. Fazendo com que isso implique nas suas relações com estudantes, que relatam o quanto as violências que sofrem dentro da escola, partem principalmente de seus professores. O que faz com que a nossa trajetória escolas seja de resistência, ao invés de simplesmente vivenciar os muitos anos que passamos dentro dessa instituição.

Considerações Finais

Tentei neste ensaio compartilhar e refletir um pouco sobre como foi o meu processo de transição e saída do armário em dois colégios da rede privada de ensino no município de Porto Alegre/RS. Essa vivência tem sido bastante significativa, mas também solitária e desafiadora, uma vez que sou o único funcionário trans em ambas as escolas em que trabalho. De modo que, as batalhas por respeito e reconhecimento da minha identidade enquanto homem trans no espaço escolar precisam ser constantes.

Apesar das pequenas batalhas cotidianas que tenho que enfrentar para ocupar e me manter neste espaço, sinto-me feliz por saber que para alguns estudantes, principalmente os dissidentes de gênero e sexualidade, a minha presença na escola e na função de professor, ajuda de alguma forma, a tornar esse espaço um pouco mais acolhedor e menos solitário.

Infelizmente, o espaço escolar ainda se mantém como uma instituição responsável por zelar e manter os padrões cisheteronormativos, o que acaba fazendo com que todas as vivências que não estão de acordo com esse padrão, sintam-se diminuídas, erradas e por vezes patologizadas pelo discurso da normatividade.

Aos poucos, à docência trans vai quebrando tabus e barreiras ao mostrar que pessoas trans, também são pessoas e que ao contrário do que o senso comum pensa, não oferecem perigo algum como sugerem discursos deturpados como o da suposta “ideologia de gênero” que insistem em nos apontar como sujeitos perigosos que não devem estar em contado principalmente com crianças e adolescentes. Já que infelizmente muitas pessoas acreditam que podemos influenciar seus filhos a serem trans, gayz, lésbicas, bissexuais.

Diante esse cenário obscuro que nossa sociedade se encontrou nos últimos anos, e que tenho a esperança de que esses discursos contra as diversidades de gênero e sexualidade diminuam cada vez mais, penso o quão relevante é a presença de pessoas trans na função docente na educação básica. Portanto, vejo a minha presença na escola como também uma oportunidade de mostrar que pessoas trans existem e são simplesmente pessoas, que podem ser professores, alunes, e todas as possibilidades de se vivenciar o espaço para além da precariedade que a patologização de nossas existências nos impõe.

Referências

- BRAZ, Eliana Peter; VIEIRA, J. S. ; BUSSOLETTI, D. M. . O professor e o armário: lugares de saber, poder e resistência na escola. **REVISTA COCAR** (UEPA), v. 7, p. 23-33, 2013.
- FRANCO, N., & CICILLINI, G. A. (2016). TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS NA ESCOLA: um estado da arte. **Cadernos De Pesquisa**, 23(2), 122–137. <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v23n2p122-137>.
- LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pósgraduação em Sociologia, UFPR, Curitiba PR.
- LOPES, Fabrício Ricardo; ZIBETTI, Marli Lucia Tonatto. População trans e docência: alguns apontamentos. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 10, p. 3-16, jan/abr, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>. e-ISSN: 2359-2087.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SALVADOR, N. R. C., & FRANCO, N. Pessoas trans e educação: revisão sistematizada da literatura (2014-2018). **Revista Periódicus**, 1(17), 93–117. 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007. p. 19-54.

SEFFNER, Fernando.; REIDEL, Marina. . Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem fronteiras**, v. 15, p. 445-464, 2015.

Seffner, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos** (Online), v. 20, p. 48-57, 2016.

Silva, R. G. L. B. da, Bezerra, W. C., & Queiroz, S. B. de. (2015). Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, 26(3), 364-372.

When the queer body is the teacher: notes on transmasculine teaching

Abstract: The presence of trans and transvestite teachers working in Brazilian schools has been growing in recent decades. Thus, this essay seeks to reflect on my experience as a teacher and trans man, when making the gender transition, working in the private teaching network of Porto Alegre/RS. For this, I share my experience to be able to think about the relationship of the trans body with the school space and its other subjects, such as fellow teachers and students. Also point out the tensions and fissures that transmasculine teaching causes in the school institution.

Keywords: Trans Man; Transmasculine teaching; school space; Transgenerity.

Recebido: 26/01/2023

Aceito: 20/06/2023